



Gaia



PORTE
PAGO

Quinzenário • 8 de Setembro de 1990 • Ano XLVII - Nº 1213 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da quinzena

Ocupamos o tempo com muitas coisas, normalmente. Resta-nos saber se pomos o mais necessário em primeiro lugar.

Tenho diante de mim um recado urgente que chegou às minhas mãos por carta do correio. Ei-lo: «O José João tem 23 anos; a esposa traz nos braços uma criança. Ele tem a mão direita aleijada. Habitou-se a escrever com a esquerda. Há um mês, num desastre, perdeu a mão esquerda. Vem ainda com ligaduras e pede um pouco de pão para os três. A família é pobre. A casa onde moram tem porta, mas não tem janelas... mas não tem chaminé... mas não tem luz... mas não tem soalho... mas não tem, nem precisam de despensa...

Falamos. Procurei, antes de lhe dar o que pediam, incutir-lhe ânimo, coragem e decisão para refazer a vida. Ofereci-me para o acompanhar à Assistência Social. Tem de se propor a um subsídio e tem de se propor a um trabalho de harmonia com as suas possibilidades físicas. Prometi-lhe que esta semana iria falar numa casa onde ele seria útil e pudesse trabalhar e receber um ordenado. O José João, com o tempo, há-de esquecer a sua incapacidade de hoje. Há-de olhar com alegria para a esposa e filhinho, que já têm pão na mesa, ganho com o esforço do seu trabalho.

Esperamos que os leitores deste diálogo leiam mais com o coração do que com os olhos». Assim termina.

Quando acabei de ler a carta, apeteceu-me deixar tudo e ir ao encontro do emissário e seus Pobres. Era uma questão prioritária. Quem fala daquela maneira tem um coração pobre. Por isso é capaz de entender os Pobres. E de que maneira! O recado põe tudo no seu lugar. Há o acolhimento, em vez de papéis. De seguida, vem a acção iluminada pelo Amor inteligente. Ali, nada é cego. «Falámos... Ofereci-me... Prometi-lhe...» Cumpriu.

Quando assim é, não há problemas invencíveis. Pouco a pouco, sem ambição, faz-se o que se pode. O caminho vai-se abrindo; jorra mais luz; há mais segurança e aqueles a quem damos a mão salvam-se porque estamos salvos.

O samaritano nunca é vencido. Nunca! Ele tem vida. Nada e ninguém consegue arrancar-lha. «O José João há-de ter o indispensável para viver. Disto ninguém pode esquecer-se.»

Donde nascem estas certezas? Das Secretarias? Do coração pobre do samaritano, sim. Não sabemos que outra explicação. É do coração pobre do bom samaritano que nasce a riqueza do lar aflito que lhe bateu à porta.

O correio trouxe o recado e levou a resposta na volta: «Há-de olhar com alegria para a esposa e para o filhinho, que já têm pão na mesa».

Continua na página 3

ENCONTROS

EM LISBOA

«Até foi um dia bem passado.» Era feriado municipal. Já passava bastante das 17,30 h. Às 17,30 é a hora que normalmente se larga o trabalho e a maior parte já se encontra por perto do refeitório, à espera do sinal convencional que os faz lançar em direcção ao lanche. Neste fim de dia, depois da hora, todos cansados, fez-me bem ouvir este comentário da boca do Luís Filipe. O trabalho deu-lhe alegria. Encheu-lhe o coração. Elevou-lhe o espírito. Temos rapaz!!

É assim em nossa Casa. Por razões várias, tivemos que meter mãos ao arranjo das ruas da nossa Aldeia. Ainda não vai tudo este ano. Vamos indo à medida das nossas possibilidades. E são os rapazes que, de pás, enxadas e picaretas na mão, vão dando forma ao terreno, retiram os restos onde a máquina não chega. Depois, são também eles que espalham os resíduos de calcário e o pó de pedra para que os calceteiros possam avançar com o seu trabalho. Os especialistas em conduzir carros de mão treinam as suas habilidades levando carradas de pedra. Quem, nestes dias de Julho e Agosto, passasse pela nossa Casa, pensaria que eram os empregados das estradas. Esgotaram-se as pás e as picaretas e grande guerra se estabelecia para se criar um pouco de ordem entre os condutores de carros de mão.

Trabalho dos rapazes de hoje que preparam a sua casa, pensam nas gerações seguintes e aprendem caminhos de futuro. Alguns foram descobrindo que sem esforço e luta nada se consegue. Outros pensaram que gerações passadas de rapazes trabalharam para eles assim como agora trabalham para os que não-de vir.

Alguns aperceberam-se que lutar com os livros é mais fácil. Muitos reflectiram sobre a dificuldade e dignidade do trabalho manual e, talvez, quando passarem pelas ruas das nossas cidades e aldeias e virem homens curvados sobre as suas tarefas, saibam apreciar e louvar todos esses trabalhadores. Creio que todos nos tornámos mais homens pela experiência realizada e pelas coisas aprendidas. «Férias quentes», diziam alguns. Férias diferentes e sadias. Experiência de criação e realização.

Hélio, ao chegar, à noite, do seu trabalho no exterior, entrou no refeitório onde todos estávamos e, até se esqueceu de dizer boa tarde; disparou, depois de ter apreciado os alinhamentos dos primeiros fios de água: «A rua vai ficar muito bonita». Assim o esperamos. Para trás, os canos partidos e os momentos mais difíceis à torreira do calor. Fica a alegria: «Fomos a gente que fizemos», dizia o Vítor Hugo com os seus olhos de menino de onze anos, satisfeito com o trabalho saído das suas mãos.

Quando vejo os nossos miúdos a amar o trabalho, a manifestar alegria no que realizam, a perceberem que o mundo se faz com a colaboração, sinto interiormente um impulso que me diz: «Podemos ter esperança, está a nascer um homem».

«Vai ficar muito bonita.» A maior beleza não se vê. Passou por nós, esteve presente no nosso coração, integrou-se na nossa vida.

Continua na página 3



AGORA

Também a Obra da Rua, nas suas várias vertentes e nomeadamente nesta da habitação dos que a não têm, foi beneficiada com a concessão do 14.º mês aos pensionistas, a alguns que, desabitados deste «luxo» e animados por uma consciência viva dos Outros, resolveram prescindir dele ou partilhá-lo com quem tem menos. Ora escutem:

Lídia: «É a primeira vez, com 62 anos, que recebo subsídio de férias. Da reforma mínima mando essa migalhinha para um mar de necessidades». E o que pede em troca é que a ajudemos a pedir a Deus «que me dê Fé, uma Fé grande». Ó mulher feliz, irmã da Santa Cananeia!

De Mem Martins: «Logo que foi comunicada a decisão governamental de atribuir este ano o 14.º mês, decidi enviar, para o que acharem mais conveniente, metade da minha pensão de reformado. Por vós e por mim, lamento que ela não seja mais elevada; mas é com muita alegria que a divido com quem tanto bem faz». A mensagem acompanhava cheque de dezasseis contos.

Noé: «Fui inesperadamente beneficiado por um 14.º mês. Há vários anos vem sendo meu hábito prescindir, a favor de algumas instituições, de tudo quanto recebo para além do 12.º mês. Acostumei-me a entender que o ano só tem 12 meses e que, desde que me pagassem com justiça (o que nem sempre acontecia) tanto me deveria bastar, considerando

O Carlos vivia indefeso numa choupana. Está no Calvário. É destes que nós preferimos!

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — Não firmámos contrato, por escrito, com alíneas e fiador. O mestre d'obras confia. Sabe que Deus sopra no coração das gentes.

Aliás, já arriscámos noutras aventuras do género. Vultosas. E os Pobres estão abrigados. No fim de cada uma, louvado seja Deus, as contas bateram certas!

Expressamente para a obra em curso, recebemos dez contos da assinante 25026, de Águeda, «por simpatia à casa do Xai-Xai». Mas, conhecendo bem a vida dos Pobres, não deixa de acentuar que «haverá outros 'sorvedoiros' necessários!»

SENTIDO COMUNITÁRIO — Triste, o pobre homem não diz palavra! Mas, ao fim e ao cabo, desabafa alguma coisa, o mais importante. É nossa missão levantar folhas caídas.

Não se queixa de ninguém! Compreendemos tudo... Inclusive, não ter agora quem lhe forneça o caldinho quente duas vezes por dia. É solitário. Seria um marginal.

Não importa que ele seja desagradável... Hoje, como naquele tempo, o Senhor perguntaria: — Quem atira a primeira pedra?!

Pomo-nos em campo. Despertamos o sentido comunitário. Na primeira porta escutamos logo um sim: — O que servir à mesa dos meus filhos, reparto com ele. Para esta família todo o homem é nosso irmão. Graças a Deus!

Este sinal de contradição abriu os olhos ao Pobre. Deu-lhe mais luz. Agora compreende melhor o vicentino que o visita assiduamente: — Por tudo isto..., tenho mais amor à minha casa. Estou a fazer limpeza. A pôr tudo como um brinco!

Curiosamente, o próprio vizinho, noutras circunstâncias, e na sequência da acção vicentina, testemunhou por suas próprias mãos o amor que ele, o Pobre, deveria ter à sua casa. Por isso, está a «pôr tudo como um brinco!»

PARTILHA — Assinante 21788: «Recentemente, e sem contar, deram-me um prémio no meu emprego. Prémio em dinheiro; mas o que me alegrou realmente foi a distinção. Acho que outros, ao meu lado, também mereciam e não foram contemplados. Nada podia fazer, nem sequer dividir com eles. Mas divido convosco. Por isso, junto envio este cheque, metade do que recebi, para pagar a conta da farmácia da Conferência de Paço de Sousa. Que Deus vos ajude sempre e que nunca se esqueça de me amparar. Não quero agradecimentos. Eu logo verei o desconto do Banco».

Como é óbvio, a procissão d'hoje tem um valor espiritual extraordinário!

Dois mil, da assinante 21319, de Guimarães. Cinco, de Tavira: «Sempre anónimo». É a procissão dos Anónimos!

Assinante 52663: «Envio 10.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para serem aplicados no que for mais necessário. Peçam a Deus pelo meu filho, que o ilumine no bom caminho». Voto maternal!

Cheque da assinante 22871, do Funchal. Outro, de Lodaes, envolvido em carta poética. Mais outro, de Erme-sinde, ressonância dum caso referido

nesta coluna, perorando: «Deus nos ajude e se lembre sobretudo dos Pobres doentes a quem não só falta a saúde como os meios para viver».

Cinco mil, do assinante 4395, de V. N. Famalicão, «ajuda para a cobertura das necessidades dos Pobres». Parte do 14.º mês, pela mão da assinante 14802, de Rana: «Quero reparar com os irmãos mais necessitados e peço uma oração por alma da minha santa mãe».

«Uma assinante de Paço de Arcos» manda «a partilha de Julho e Agosto», nimbada de «saudações fraternas». Seis contos, habituais, do Fundão. Mil, discretíssimos, da assinante 24851, da Capital. O costume, de Baguim do Monte. Por fim, a presença amiga da assinante 7802, de Alhandra.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quando Pai Américo ia ao encontro dos seus Pobres o principal mal que os atingia era a tuberculose. Hoje já não se fala tanto dessa terrível doença. Mas, na nossa última reunião, um dos casais vicentinos reviveu momentos de tristeza de que Pai Américo tanto nos fala nos seus livros. Uma das famílias visitadas por eles foi atingida. Pai e um dos filhos estão tuberculosos.

Há que atacar o mal; eles já andam em tratamento, mas precisam de muito apoio material para que as suas refeições possam eliminar a doença visto que só os medicamentos não bastam.

Para isso, contamos com a vossa ajuda, que é sempre preciosa, mas neste caso ainda mais. Estamos confiantes, pois sempre que batemos à porta do vosso coração a resposta não tarda.

Campanha tenha o seu Pobre — Assinante 54907, 500\$00; assinante 54910, 500\$00; 7.000\$00, da nossa amiga do costume, Leonilde. Anónimo, de Lisboa, 20.000\$00; da assinante 9708, 5.000\$00; de Paço d'Arcos, 10.000\$00; a assinante 18426 manda 50.000\$00 para ajuda da construção da casa da Maria do Céu e enaltece a bondade de seu pai que não tendo qualquer religião foi homem de grande bondade. O Pai do Céu, com certeza, o acolheu com grande alegria no Seu Reino pelo testemunho que neste mundo deu a seus filhos. Outra grande lição de um reformado que, ao receber o 14.º mês, manda 20.000\$00 e ainda pede desculpa por ser pouco. Quanto nos faz meditar toda esta correspondência! São momentos de paragem para nela reflectir e continuar na caminhada que Pai Américo quer que sigamos.

Anónimo, do Bairro do Carriçal, 7.000\$00; finalmente, de Maria Joana, 3.000\$00. Muito obrigada.

Uma vicentina

MIRANDA DO CORVO

PRIMEIRA COMUNHÃO E BAPTISMO — Depois do tempo de férias à beira-mar, 22 rapazes, preparam-se para a primeira Comunhão e 5 para o Baptismo (Sacramentos que são sinais de Deus na nossa vida e temos que

vivê-los como verdadeiros cristãos), sob a orientação do nosso Padre Telmo e do Ângelo.

É através do catecismo, da Bíblia, da Palavra de Deus que eles procuram encontrar o significado da palavra cristão e tentam sê-lo seguindo as leis de Deus.

Os que receberão o Baptismo, preparam-se para se tornar membros da comunidade cristã; e os que receberão a primeira Comunhão partilham o pão da mesa do Senhor com os seus irmãos.

PEDITÓRIOS — O nosso Padre Horácio esteve nas igrejas da Praia de Mira, Figueira da Foz e Curia, nos últimos fins de semana de Agosto mostrando a sua preocupação com os Pobres e com a pobreza que os rodeia.

Em cada homilia salientava que os Pobres são seres humanos como nós e sem a nossa ajuda não são nada; por isso, é preciso mostrar solidariedade, pessoalmente e materialmente e não só por esmolas porque é um sinal de falta de Fé. Mas, também, aquelas pessoas que se julgam senhores de tudo e de todos e pensam que isto os torna felizes ao olhar dos outros, pois, ao olhar de Deus, não são ninguém. Era como dizia o nosso Pai Américo: «Nós, ao olhar de Deus, não somos senhores, mas sim uns senhorescos, porque só Deus é Senhor de todas as coisas».

Por isso, temos que nos convencer que o mundo é de todos, sem nós não vive e sem solidariedade há sempre Pobres.

O dinheiro angariado nas Missas será destinado aos que precisam para que se sintam menos marginalizados e mais unidos a nós.

Carlos Zé

TOJAL

No dia 4 de Agosto começámos uma nova obra que tem por nome: calçada. Foi preciso: baixar as ruas, meter o areão e chegar a pedra à mão. Depois de todos os referidos trabalhos, começou-se por fazer as bordas das ruas. Eram precisos dois rapazes para chegar todo o material necessário para as mãos do calceteiro.

O trabalho foi chefiado por mim e pelo Fontes. Depois de termos os rapazes para chegar o material necessário, iniciámos a obra. Para já, devo dizer que não é um serviço fácil; aliás, todos os trabalhos que temos vindo a fazer ultimamente não têm sido nada fáceis. Para além da calçada, há outros que têm exigido grande esforço, por exemplo, a mudança de canalizações.

Voltando à calçada: passada uma semana terminámos as valetas e tínhamos as bases para começar o meio das ruas.

Em cinco dias de trabalho, já temos uma rua a terminar! Quando chegarmos ao fim, poderemos dizer: Ficou aqui uma obra bonita! E depois disto tudo, chego a uma conclusão: Para se obter algo bonito, maravilhoso, admirável, é preciso entregar o corpo e a alma ao trabalho, pois, sem tal não se consegue nada.

Eduardo Manuel Seixas



SETÚBAL: As equipas que disputaram um «renhido» encontro, sendo o troféu conquistado pelos mais novos. Nos velhos ainda houve bons toques, mas não chegaram para vencer o desafio



Associação de Antigos Gaiatos

• LISBOA

N'O GAIATO temos saboreado as notícias sobre os Encontros-Convívio das respectivas Associações do Norte, Centro e Setúbal. Notícias onde se advinha grande alegria e contentamento por mais uma vez se encontrarem e conviverem. É maravilhoso aquele abraço que se dá e nele se encontra o longo espaço de tempo que nos separou. É maravilhoso o momento recreativo e desportivo proporcionado por actuais e antigos gaiatos. É maravilhoso o momento da celebração da Eucaristia onde os nossos padres têm, uma vez mais, a oportunidade de nos recordar o que Pai Américo sempre desejou para os seus filhos: a escola, a mesa, o trabalho e o Altar. É maravilhoso ainda o momento da refeição, uma vez mais em comum, dos nossos padres, dos gaiatos novos e antigos com as esposas, os filhos e os netos.

Finalmente, é maravilhoso o momento da despedida pela promessa de, no próximo ano, se Deus quiser, nos voltarmos a encontrar.

Se não fossem todos estes momentos que descrevemos, sentir-nos-íamos tristes por a nossa Associação de Lisboa há demasiado tempo não dar notícias. E se agora o fazemos, é porque é importante

que nos reunamos. Há novas a comunicar acerca da Cooperativa e dos Estatutos; e há, sobretudo, a necessidade imperiosa de nos vermos.

Também (re)experimentei a alegria imensa de ter estado em Paço de Sousa, no dia 15 de Julho, no Encontro da zona Norte. Foi a presença de uma multidão de gente gaiata que me animou a convidar-vos. O recado foi-me recomendado pelo Constantino, o Zé Eduardo, o Alfredo, o Amarante, o Fozcôa, o Carlos Gonçalves, o Marques, o Valdemar, o Júlio Mendes, o Frei Simeão, o Quim Carpinteiro, o Manuel Côco, o Carlitos, o Fernando Dias e o irmão, o Barros, o Rocha, o «Trofa» e tantos outros que encheriam uma coluna de alto a baixo do nosso «Famoso», se tivesse de os mencionar neste espaço.

O recado está dado. O convite está feito. Depois das férias, possivelmente no primeiro Domingo de Outubro (dia 7), estaremos na Rua da Padaria (perto da Sé) das 10 às 13 horas, para aí decidirmos um encontro-convívio na nossa Casa do Gaiato do Tojal, em princípio, para 21 de Outubro.

Esperamos que não faltes. O interesse é de todos.

Cândido Pereira

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Começamos esta pequenina crónica transcrevendo parte de uma carta de uma leitora de Santo Tirso:

«Começo por felicitá-los pela vossa iniciativa. Só tenho pena é que tantos espatifem tanto e outros a precisarem e não têm. Sou assinante do «Famoso» com um prazer enorme, porque a leitura dele faz-me bem. Esta tem por finalidade enviar um cheque com uma importância pequena, mas é do coração.

Eu tinha conseguido emprego e disse que o primeiro ordenado era para vocês. Oxalá Deus ilumine os corações das pessoas e se lembrem que este mundo é uma passagem.»

O sublinhado é nosso.

Esta carta é uma mensagem de amor e fraternidade. Será necessário acrescentar mais algum comentário? Pensamos que sim. Que cada um de nós faça uma reflexão da maravilhosa mensagem, parando por alguns segundos na parte onde nos lembra «que este mundo é uma passagem».

Como o mundo em que vivemos seria mais verdadeiro, se menos egoísta e mais justo!

Para a «Conta Especial» da Cooperativa recebemos: De Eugénia, 10.000\$00; e de Fernanda, 25.000\$00 — valores entregues no Tojal. De Maria Prazeres — Lisboa, 5.000\$00; anónimo, 1.500\$00; e novamente Lisboa com 7.000\$00.

Através de Pai Américo, pedimos a Deus a bênção para todos vós.

Carlos Gonçalves

ANIVERSÁRIO

É o nosso Daniel.
Fez cinco anitos!
Dia de Festa:
Muitas palmas...
Um grande bolo!
Levanta a mãozita e
Para todos:
— Tenho quatro anos.
O polegarzito estava encolhido!
— Agora tens cinco anitos.
Sei que és
O meu privilégio,
A minha flor!
«Deixai vir a Mim as criancinhas,
porque é delas o Reino dos Céus.»
Grande ternura,
Os seus cinco deditos!
Um beijinho e
Um xi coração muito apertado.
Sorri!
Na mesa estava um bolo,
Os mais pequeninos,
O Miguel Ângelo
Regalou os olhos.
Era uma chama,
Luz!
Calor,
Partilha,
Alegria...

José Manuel dos Anjos Nunes

AGORA

Continuação da página 1

todo o excesso não minha pertença mas dos que precisam mais do que eu». Quem diz que o Evangelho é «daquele tempo»? Ei-lo aí, **rescrito** hoje, por quem vive da Palavra de Jesus: «Faz aos outros o que querias que os outros te fizessem». É tão difícil sentir a necessidade alheia quando estamos fartos de tudo! Este nosso irmão Noé (até o nome é pertença da História da Salvação!) sente e «acostumou-se a entender»; e por este entendimento norteia a sua vida que é sopro do Espírito a espalhar Vida.

É tempo de férias e a consciência de que há por esse mundo multidões que as não têm, não se esgota no «inesperado» subsídio delas para os pensionistas. Passa aqui a Assinante 49647 que, «antes de partir para férias, não quero deixar de enviar para o Património dos Pobres e para a Conferência do SSmo. Nome de Jesus, um pequeno donativo, a saber: Património, noventa contos e Conferência, dez». E também dez, a partir da mesma motivação («como vamos de férias...»), «dos

vossos muito amigos M+M», com o pedido de uma prece «para que haja paz e amor em todos os lares». Decerto é esta a maior riqueza desta Maria e deste Manuel; e porque desejam aos outros o que querem para si — eis a moeda da troca: «rezem para que haja paz e amor em todos os lares».

A Angelina, a Raquelina e a Alexandrina com os seus 500\$00 mensais. Elas são segurança em terra da Força Aérea Portuguesa. E só Deus sabe se não são das que voam mais Alto!...

No Espelho da Moda, muitas migalhas de restos de assinatura e duas presenças do mealheiro no Teatro Sá da Bandeira: 132.630\$00, em 2 de Maio e 27.400\$00, do mês de Junho.

Atenção a Hong Kong — Maryknoll Sisters. Mais um cheque de US\$256,41, «donativo para os Pobres de Portugal, conforme os desejos da nossa Ir. Cândida Maria». Também nós, «com caloroso afecto e votos da bênção de Deus», agradecemos à Comunidade o fiel cumprimento da vontade expressa pela Ir. Cândida;

e à Ir. Lingemco o cuidado amigo das repetidas remessas.

E vamos terminar esta primeira saída estival da antiga **procissão** com o grupo de devotos que, há mais anos, a promovem sem o mais pequeno sinal de cansaço. É «uma mãe agradecida de Matosinhos». É M. M. com uma data de «prestações para a ajuda aos Auto-Construtores, simbolicamente designada por Casa da Paz». O mesmo da Casa Louvado Seja N. S. Jesus Cristo.

É a M. Isaura com a sua mensalidade de três contos. É a Alice, com a costumada «gotinha» de dois contos e muitas outras lembranças com outros destinos. É o Albano, de Aguiar da Beira, com presença mensal ou quase. É a Lígia, de Fiães. É a Dr.ª Felicidade, de Lisboa.

E, afinal, vim encontrar no grupo mais gente «surpreendida» pelo subsídio de férias e termino como principiei: M. L. junta «às pequenas gotas referentes a Julho e Agosto» (dez contos), outros dez.

E de Belazaima, porque «me foi depositado recentemente o subsídio de férias, venho gostosamente, depositar algum no vosso 'Banco' para tornar úteis as férias de 90».

Padre Carlos

Notas da quinzena

Continuação da página 1

A Justiça faz-se com golpes de amor. O padre que me escreveu é um sacerdote do Novo Testamento. Porque conheço a sua paixão, quero estar com ele.

Haverá pobres sempre conosco. Eles seguram-nos em qualquer sítio por onde vamos. Quem vive à margem deles é desgraçado e semeia desgraças. É ver os milhões que se gastam sem se cuidar das injustiças que se cometem. Os Pobres seguram-nos quando nos deixamos prender por eles.

Logo que cheguei ao lugar, fui informado de que o homem tinha morrido há pouco e a mulher fugiu, entretanto, com outro homem, tendo deixado sete filhos, todos menores. Quis ver com meus olhos onde moravam e o sítio da tragédia.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

A Obra da Rua não quer ir atrás nem à frente. Quer ir no seu lugar. No que diz respeito aos filhos que perderam os pais, todos os esforços devem ser feitos para que o lar mais próximo os receba: o dos familiares que sejam capazes. É a natureza que assim o pede. O lugar da Casa do Gaiato, aqui, é o último. Quando tudo falhar, a Casa do Gaiato está. Os pequenos foram levados para casa dos tios. Quem dera que encontrem, agora, o que antes não tiveram. Estamos alerta.

Desastres como estes no seio duma comunidade deviam abanar a consciência de todos. São tão grandes! São tão graves! Cheiram a morte! Não há piores! De tal modo que ninguém devia ficar de fora: o povo, a autoridade civil e religiosa. Ao silêncio mal contido devia sobrepor-se a denúncia pública do mal e o anúncio de uma acção imediata para remediar o que ainda pode salvar-se. Sim, uma acção que compromettesse a todos.

Não vou atirar pedras a ninguém. Antes, contou-me uma das filhas, a mãe andava por lá com um homem. Depois, eram vários homens que vinham ter com ela ao barraco onde viviam. De seguida, foi o abandono do lugar e dos filhos.

Terá havido alguma reacção comunitária, entretanto? Quando na estrada acontece algum acidente, o povo acorre e faz multidão. Protesta e corta, por vezes. E estes desastres humanos passam despercebidos, quase, e em silêncio!

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Agradecimento: Durante os meses de Verão houve senhoras que dispuseram do seu tempo, das suas férias e do seu repouso para nos virem ajudar. Durante alguns dias, ou acompanharam os mais pequeninos à praia, ou se lançaram nas artes culinárias, ou mergulharam nos meandros da roupa, ou meteram mãos, juntamente com os rapazes, nas tarefas das limpezas gerais. Com alegria, esperança, desilusão, sofrimento, essas senhoras viveram conosco esta aventura. O nosso muito obrigado e um beijo sempre quente e sempre prolongado dos nossos rapazes.

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



Nas estações do percurso acudiu um milho de ovos tingidos, sem contar o mais!

• Se eu te disser que dou à C. P. quatro notas pelo uso da carruagem que transporta os miúdos à Figueira da Foz, não me chames desperdiçado, como farão os usurários hoje e fez outrora o pai deles todos quando viu Madalena quebrar vasos e derramar perfumes em casa do fariseu, segundo conta o Evangelho — que ele há muita verdade no «vale mais um gosto na vida do que seis vinténs na algibeira», como afirmam as moças do Minho que palmilham léguas sem conta e gastam horas sem medida, só para dançar o vira nos arraiais das festas. Muito mais do que as notas, vale o gosto dos gaiatos.

• Ainda que não houvesse mais nada senão o entusiasmo de uma mulher muito pobre que em plena rua puxa da bolsa e me dá cinco tostões para um ovo — tudo quanto possuía — isto bastaria para coonestar o suposto desperdício. Mais desperdiça quem indevidamente acumula e cuida que poupa!

• Mas há muito mais. São crianças pobres, às quais tu vais dar uma tarde gloriosa, cheia de recordações, gravadas na memória pela vida além. São famílias das mesmas que vêm à estação dar o último retoque na roupinha do filho, recomendar pela centésima vez o «toma conta», ver o arranque da máquina e seguir, até perder de vista, o tesouro precioso que ela leva para longe nas asas da Providência. É a adorável confiança da gente pobre, entregando filhos sem reservas nem medo aos que fazem por amor de Deus o que eles não lhes podem fazer por mor da Miséria. É ainda o despertar de generosidades, à hora da merenda, quando os mais remediados repartem das suas pelos tão pobres que nem sequer a levam. É, finalmente, sua excelência a Criança que passa, corações pequeninos a fazerem violência aos grandes corações porque antes a fizeram ao Rei e Centro de todos eles — o Coração de Jesus!

• Oh!, não digas nunca a ninguém que o pobre dá Sopa quebra vasos e derrama perfumes; e deixa os mortos enterrar os mortos! Eu estarei à coca nos lugares marcados, linha abaixo, com o cesto na mão pronto a receber tudo quanto vier.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.ª vol.)

SETÚBAL

Vem aí o novo ano escolar e eu já começo a tremer. É que no próximo passado enquanto os nossos frequentadores do ensino fora de portas, no Ciclo, 7.º, 8.º e anos seguintes, aproveitaram quase a cem por cento (no Ciclo eram vinte e só um perdeu), no ensino primário as reprovações atingiram quase dois terços. De setenta e quatro, reprovaram quarenta e seis.

É verdade que alguns rapazes são difíceis, portadores de bloqueios custosos de transportar e apresentam dificuldades graves.

São os nossos. Vêm dos lugares mais inóspitos e das (famílias?...) mais degradadas. A Casa do Gaiato acolhe-os. Não aceita outros.

No geral são crianças normais, embora alguns com capacidades reduzidas, havendo também outros dotados de níveis de inteligência acima da média.

Construímos salas de aula, nas melhores condições, no desejo intuitivo de as tornar apetecidas e apetrechamo-las de bom material didático.

Edificamo-las com o nosso esforço, o trabalho, engenho e suor dos nossos rapazes sem pedir nem

receber um tostão do Estado, esmolando e recolhendo o que providencialmente aqui vem ter com sacrifícios e heroicidades!

O Ministério da Educação reduziu as turmas atendendo às dificuldades circunstanciais dos rapazes, de forma que cada professor não tem mais de quinze alunos nem menos de dez.

Numa das turmas os rapazes passaram todos. Encontraram uma professora devotada que os amou, se dedicou a eles, não faltou e os entusiasmou. Alguns fizeram mesmo, num programa de nível mínimo, devido à sua idade adiantada, o 3.º e 4.º ano da 2.ª fase.

Para as outras cinco turmas ficaram apenas 17 aprovações. E, se não fosse o trabalho de mais dois docentes e alguns alunos serem de nível intelectual elevado, ficaríamos reduzidos a zero.

O concurso de professoras para a Casa do Gaiato, a morar a grandes distâncias, para se efetivarem ou tratarem de interesses pessoais e de carreira, traz sempre — diz a experiência — uma série de doenças reais ou inventadas com os respectivos atestados médicos, ao longo do

ano escolar. Não construímos escolas com os sacrifícios já descritos para servirem de «asilos» a professores inconscientes e desonestos.

Não permitimos, sem revolta nem denúncia, que os nossos rapazes sejam assim explorados.

É muito bonita a democratização da Escola. É sim. Também concordo com ela. Mas uma democratização com gente responsável e com estruturas de vigilância e averiguação. Não deixada «à balda» e onde alguns professores reinam como senhores absolutos, desculpando-se que quem lhes paga é o Estado como se o facto de possuírem um diploma lhes justificasse, privilegiadamente, receberem o ordenado mais as regalias sociais sem um trabalho justo.

Numa escola sem vigilância é fácil faltar e justificar faltas.

O suborno dos atestados médicos como fundamento legal, sem que ninguém os mande confirmar, é outra maneira de iludir as consciências e permitir que se cometam injustiças flagrantes.

Assim, não se luta contra o analfabetismo nem contra a pobreza. Teremos, antes, cada vez mais pobres e mais analfabetos.

O Estado contradiz-se, evidenciando inocência e fazendo das suas apregoadas lutas e contínuas declarações uma mentira para iludir os néscios.

Além de darmos as instalações, reparamo-las quando necessário. Os vidros, as canalizações e esgotos, a instalação eléctrica — tudo é conosco. A água, a luz e grande parte do mobiliário, são da Casa do Gaiato sem qualquer encargo para a Autarquia ou para o Estado.

Só pedimos professores capazes e... nem isso temos com segurança.

Claro que estes deveriam ser apresentados por nós ao Estado e não vice-versa. Pelo menos não deveriam ser colocados em nossa Casa sem nossa consulta.

Alguém responsável ouvirá este desabafo?

Mais que isso, é um grito urgente de justiça!

Padre Acílio

Escola

São vésperas de novo ano lectivo.

Do passado, pelos resultados obtidos, nem podemos dizer mal. Só que os resultados obtidos nem sempre nos convencem. E ainda assim travámos algumas tentações de benevolência, votando, nos casos duvidosos, quase sempre em desfavor da passagem.

Quem constrói uma casa sem a certeza de alicerces firmes e da estabilidade do que se vai erguendo? De que serve passar um aluno que não adquiriu os conhecimentos necessários à aquisição de outros, nomeadamente nos domínios da língua pátria e do cálculo? É um adiar do problema para o fim de cada fase, em que o professor se acha perplexo sobre o que fazer e vai cair na justificação fatalista da «falta de bases». Então, apostemos nas bases para chegarmos tranquilos ao termo de cada andar na construção do homem instruído. E se o «terreno» não dá para «arranha céus», fiquemos no nível de que cada um é capaz, na aceitação da realidade de cada qual; mas haja o reconhecimento oficial da meta que foi possível atingir.

Escolaridade obrigatória: 4 anos. Depois, 6 anos. Agora, 9 anos. Muito bem! E aqueles que, por deficiência pessoal, ou social, não podem lá chegar — ficam privados de um certificado de habilitação escolar que só é concedido depois de cumprida a obrigatoriedade legal?

As leis são feitas em gabinetes, fora e longe das realidades vividas e por isso tantas vezes inadequadas àqueles a quem se dirigem. Em teoria tudo certo. Mas as leis não são para os compêndios de quem as estuda, mas para servir o interesse dos que as motivam. E que interesse mais respeitável e digno de atenção do que dotar a criança de hoje para a vida do adulto que em breve será?

Perante o insucesso escolar de que tanto se fala, tamanho como nunca, creio que ainda se não acertou no alvo ao procurar-lhe as causas. Serão as gerações de agora menos capazes do que as de há quarenta ou cinquenta anos? Então porque será que nesses anos (e falo apenas a partir da nossa experiência!) os rapazes saíam apetrechados para a vida só com a 4.ª classe, que raros ultrapassavam nesse

tempo em que as condições materiais eram incomparavelmente mais deficientes do que as de agora? E agora saem do mesmo nível de escolaridade sem saber ler, nem escrever, nem contar! Não irá por caminho errado, a evolução (sempre desejável, mas para melhor!) na elaboração dos programas e na forma de os pôr em acto? Penso que deve haver a humildade, nos níveis oficiais responsáveis, de aceitar esta interrogação. E na forma de pôr em acto os programas, não esquecer de considerar, o papel insubstituível dos professores, a sua dedicação à causa, que nesses tempos era proverbial e os tornava uma classe venerada, tão diferente da pouca consideração que hoje se lhes atribui.

A austeridade é arma muito mais eficaz para a educação do que as facilidades. Exigência a todos os níveis, eis uma falta muito mais grave para o sucesso escolar, que nem a multiplicação de escolas, nem dos agentes de ensino, nem o leitinho podem substituir ou compensar.

Padre Carlos

CARTAS

«O GAIATO tem feito as delícias das e dos pequenos do meu grupo de catequese, que, este ano, terminou, mas o grupo veio a minha casa para festejar os anos de cada um. E prometi que lhes oferecia o último número d'O GAIATO.

E é isso que faz tirar um pouco de tempo, ao que sei, ser pouco, de que dispõem. Pedia o favor de me enviar trinta jornais.

Sei que a doutrina d'O GAIATO chega aos Pais, através destas crianças.

Assinante 4959»

«Venho pedir *O Calvário*, livro que já comprei por três vezes para oferecer a pessoas amigas, e quando pela 4.ª vez o pedia para a minha colecção já estava esgotado, o que muito me penalizou.

Agora, com prazer, vejo que está de novo editado, e, por isso, me apresso a pedi-lo e juntamente rogo me mandem o *Viagens*, que é também para oferecer, pois sou uma apaixonada por estas proveitosas leituras.

Assinante 13109»

TRIBUNA DE COIMBRA

Fui serra acima ver desgraças. Quilómetros e quilómetros de terra queimada. A perder de vista sem ver uma folha verde. Pessoas nas povoações a olhar para nós com caras desalentadas. Uma solidão negra só com gravetos no ar. Muitas casas ficaram só com as paredes e mais nada.

Achei muito bem o desabafo daquele bombeiro: «Parece que o diabo anda aí à solta pelas serras». Há desgraças humanas que só somos capazes de as entender como inspirações do diabo. Anda por aí muito à solta e há poucos caçadores que o apanhem ou que procurem apanhá-lo.

Na sede do concelho procurei falar com o pároco. Um homem bom e generoso. Sempre preocupado com os Outros, sobretudo com os que mais sofrem. É pároco de toda aquela região. Tem procurado estar atento. Tem encontrado muito espírito de solidariedade em toda a gente. As pessoas mais atingidas não passam fome. Tem havido muita partilha e amizade.

As autoridades procedem ao levantamento das obras destruídas para serem reparadas. As pessoas desalojadas estão com esperança. Só é pena se atrasam muito, como costuma muitas vezes acontecer nestas coisas.

Gostei muito de ouvir a confissão daquele sacerdote: «Olhe: sinto-me muito feliz. Sou um padre missionário. Sou o pároco de todo o concelho que tem cinco freguesias. Só tenho pena de não poder acudir a todos. Não consigo estar a tempo nos doze centros de catequese. Não sou capaz de acompanhar convenientemente os nossos jovens que são bons. Gostava muito de poder atender todos os casais, o que me

parece ser um trabalho maravilhoso. Vou fazendo o que posso e sinto-me feliz com o meu trabalho e as minhas limitações».

Este sacerdote disse-me da aplicação do dinheiro que tem recebido para ajudar famílias pobres a restaurar e a conservar suas casas; e que ia agora estar mais atento a qualquer necessidade maior. Disse-me, ainda, do cuidado que tem em não pôr o dinheiro na mão de muita gente que o gasta mal.

Despedimo-nos com um abraço fraterno e regresssei mais tranquilo. Fui ver com os meus olhos e ouvir com os ouvidos e o coração. No caminho continuei a meditar no desabafo daquele bombeiro e na confissão do irmão sacerdote. Um e outro caçadores do diabo, mas eles são muitos! Vamos ser todos caçadores e conseguiremos que haja menos desgraças.

P.S. — Pelo telefone soube que tinha falecido, naquela manhã, o José Teles. Faleceu no Luso, no quarto do Hotel, junto de sua esposa, a Saudade. Ninguém contava com aquela morte!

Todos os anos o José Teles e esposa vinham passar suas férias a Portugal e visitavam as Casas do Gaiato. Dizia-se «um dos filhos de Pai Américo» e o «cantor do fado de Coimbra» em São Paulo — Brasil.

Numa das últimas viagens vieram entregar o produto da venda de uma casa que tinham no Guarujá. Procurou ser sempre «um bom filho da Obra da Rua».

Fui à igreja do Luso despedir-me do Zé Teles. Seu corpo foi a sepultar em jazigo familiar em São Paulo. Recomendamo-lo ao Senhor em Quem sempre acreditou e confiou.

Padre Horácio

Encontro de Casais da Obra da Rua

A propósito das «Bodas de Ouro» da Obra da Rua, terá lugar, em Fátima, na tarde do dia 5 de Outubro, prolongando-se pelos dias 6 e 7, até o almoço, um encontro de Casais da Obra da Rua.

Será um momento de reflexão e oração, a partir das 15 h do dia 5, aberto a todos os casais.

Os que desejarem participar mandem os nomes para a Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo.

O alojamento será na Cidade da Imaculada — Casa Abrigo —

junto ao Carmelo de Santa Teresa.

Padre Manuel António



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Agosto: 74.300 exemplares.